

O que faz o consumo cair

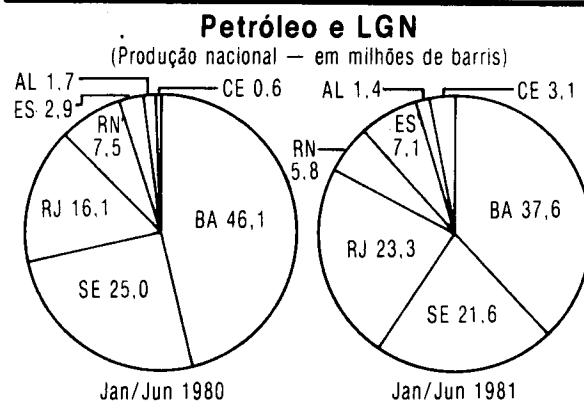
por José Roberto de Alencar
do Rio

O mundo continua encarado de petróleo. O estoque dos importadores ainda está próximo de 5 bilhões de barris, suficientes para manter o mundo funcionando durante setenta dias sem recorrer ao mercado internacional. Isso, em média. Há países capazes de viver normalmente durante 180 dias sem importar. A situação deles pode não ser cômoda, pois, com os juros de hoje, guardar um barril por um mês custa US\$ 0,60. Pior, porém, é a situação dos exportadores, pois, enquanto esse estoque durar, o preço não sobe — a não ser que algo muito grave ocorra no Oriente Médio e mobilize novamente os produtores árabes.

Sem isso, o preço do petróleo não sobe neste ano. Se o inverno europeu for muito rigoroso e exigir muito combustível na calefação, talvez ocorra algum enxugamento dos estoques e, no decorrer de 1982, os produtores poderão corrigir um pouco os seus preços. Dificilmente, porém, eles subirão dos menos de 35 dólares de hoje (FOB médio das atuais importações brasileiras) para mais de 40 dólares, por barril, até dezembro de 1982.

O presidente e o diretor comercial da Petrobrás, Shigeaki Ueki e Carlos Sant'Anna, analisam o mercado sobre os mesmos dados usados pelo ex-secretário geral da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), René G. Ortiz. De 1978 ao início deste ano, a produção mundial de petróleo encolheu-se 4 milhões de barris por dia — graças exclusivamente aos esforços dos membros da OPEP, que reduziram até onde aguentaram seu próprio faturamento para enxugar o mercado, apesar dos crescimentos ponderáveis da produção do México, do mar do Norte, da Malaia, de Angola e dos não-sócios da OPEP, em geral.

No mesmo período, porém, as medidas de economia de combustíveis, a substituição dos derivados do petróleo por materiais nacionais (principalmente carvão no lugar do combustível, na Europa, na mesma proporção do álcool no lugar da gasolina, no Brasil) derrubaram o con-



sumo mundial em 5 milhões de barris — de 51 milhões para 46 milhões de barris por dia. Ou seja: ainda sobrando 1 milhão de barris diários no mundo, além do que pode sair daqueles incômodos estoques. E o estado da economia mundial não oferece indícios de que a situação deva inverter-se a curto prazo.

Os 11 bilhões de dólares que, pelas previsões, o Brasil gastaria pagando por petróleo importado neste ano caem, nesse novo quadro, para as proximidades de 9 bilhões de dólares (descontado 1 bilhão de dólares em derivados e serviços de refinaria, mais 500 milhões de dólares em petroquímicos de primeira e segunda geração que a Petrobrás e a Petroquisa pretendem exportar em 1981).

Muito da queda da previsão deve-se ao panorama internacional. Boa parte deve-se, porém, à própria desaceleração da economia brasileira, que permitiu, no primeiro semestre de 1981, um consumo de derivados de petróleo 9,4% inferior ao registrado no mesmo período do ano passado. Naquele primeiro semestre, queimaram-se 31.588 milhões de metros cúbicos de derivados de petróleo. Neste, 28.632 milhões. No ano de 1979, o Brasil gastou, em média, 1.116 milhão de barris por dia. No ano de 1980,

1.096 milhão. No primeiro semestre de 1981, 995 mil.

Como essa redução se deve muito pouco à substituição de derivados por álcool (que hoje substitui menos de 60 mil e, na média do ano, ficará abaixo de 70 mil barris diários) ou por carvão (ainda quase insignificante), ela pode ser atribuída especialmente à conservação (economia forçada pelos preços) e, em maior escala, à crise econômica. A redução da importação — dos 960 mil barris diários que se importavam em meados do ano passado para os 760 mil de hoje — tem, porém, outras origens, além dessas.

Primeiro, a ordem baixada no início do ano pela Comissão Nacional de Energia (CNE), para que não se importassem mais de 750 mil barris por dia — ordem até hoje não cumprida em virtude dos contratos assinados com os vendedores, e que não devem ser atropelados, pois foram exatamente contratos assim que garantiram suprimento tranquilo ao Brasil, em épocas de crises que justificaram até rationamentos nos Estados Unidos e na Europa.

Enquanto vigerem os contratos, a Petrobras deverá continuar recebendo, diariamente, 220 mil barris do Iraque (com guerra e sem golfo ele ainda é o maior fornecedor do Brasil, via Mediterrâneo), 189 mil da

Arábia Saudita (que em julho suspendeu a "cota de guerra", com a qual socorria a freguesia do Iraque), 80 mil da Venezuela, 60 mil do México, 32 mil da China (cujo óleo, distante e embarcável em portos pequenos, costuma ser trocado pela Petrobrás com donos de óleos mais próximos e mais cômodos), 90 mil da Nigéria, da Líbia e do Gabão (30 mil cada), 60 mil da Argélia, Abu Dhabi e Qatar (20 mil cada) e 20 mil da União Soviética (que voltou ao elenco dos fornecedores após a visita que lhe fez o ministro Delfim Netto). No total, 761 mil barris diários.

Além desses, a Petrobrás compra mais um pouco, nos leilões ("spot"), para refinar e exportar os derivados (pois seu parque de refino anda com uma capacidade ociosa de 40%). Recebe mais um pouco de clientes que lhe compram serviços de refino — faz o refinamento e devolve (cobrando, naturalmente). Mesmo daqueles 761 mil, uma parte volta ao mundo, pois ela segura o diesel que precisa e tem de exportar a gasolina que sobra. No total, essas exportações oscilam de 70 mil a 80 mil barris diários.

O segundo fator de redução das importações (além dos que, reduzindo o consumo, também as reduzem) foi uma pequena desova dos estoques, no decorrer do primeiro semestre. Quando o ano começou, a Petrobrás tinha estoques que, auxiliados pela produção interna de petróleo e de álcool, garantiam o funcionamento do País durante quatro meses. Hoje dão para três meses, e não devem ser mexidos nos próximos tempos — a não ser que a prudência recomende uma desova maior (pela subida do custo de armazenamento, por exemplo) ou um reforço (na iminência de colapso do abastecimento ou de nova subida dos preços).

O terceiro fator é o aumento, se bem que modesto,



Carlos Sant'Anna

da produção interna. No primeiro semestre do ano passado produziram-se 34.311 milhões de barris (de petróleo e de líquido de gás natural, que dá na mesma). No dese, 38.751 milhões. Em termos absolutos, 12,9% de aumento. Em média diária (de 188,5 mil para 214,1 mil), 13,6%, pois 1980 foi ano bissexto.

A perspectiva da produção, neste ano, é bastante favorável, pois a média do ano passado todo mal deu 187 mil barris e a dese ano tem boas chances de chegar a 225 mil. Dificilmente o Brasil estará, porém, produzindo, nos últimos dias de dezembro próximo, os 280 mil barris diários sonhados pelo ministro César Cals. No melhor mês da história da Petrobrás — maio último —, a produção chegou a 224 mil barris diários. Se tudo der certo, até o final do ano, entrariam outros 47 mil na conta, e seriam 271 mil.

Para entrar em operação, daqui até dezembro, só há cinco sistemas na bacia de Campos — o resto, que podia, já entrou. Campos produzirá, no máximo, 12,5 mil barris diários. Bicudo, de 8 mil a 10 mil. Badejo, 8 mil. O Poco Pioneiro 22, mais 1,8 mil. Outros seis poços em Garoupa — além dos que já produzem no sistema de Garoupa e Namorado —, mais 15 mil. Isso, se tudo der certo.